

Validade da ética da psicanálise: O sujeito deve advir.

Hugo Svetlitz

Jacques Lacan em seu Seminário da Ética, considera que levar em conta a ética da psicanálise implica falar da falta e se pergunta se não é talvez a essa falta que Freud se refere a respeito do assassinato do pai, mito que o mestre vienense colocou no origem do desenvolvimento da cultura; mas, ao mesmo tempo, Lacan se pergunta se essa falta é aquela própria dos tempos fundadores que carrega a pulsão de morte.

Lacan questiona aqueles analistas que, ao trabalharem o desejo do paciente, acreditam que o objetivo deste seria alcançar a harmonia do sujeito, apaziguar a culpa e domar o gozo. Trata-se, argumenta, de esclarecer o *Wo es war, soll ich werden* (onde isso estava, é o sujeito que deve advir e não o Eu).¹

No plano do eu florescem abundantemente os ideais analíticos: o primeiro é o ideal do amor humano, que leva à chamada genitalização do desejo, uma espécie de higiene do amor; o segundo ideal que dificulta o trabalho analítico é o da autenticidade, vista como uma escala contínua rumo ao progresso e o terceiro ideal é o da não dependência, que implica o analista educar, influir na formação do caráter do analisando. Ao contrário do que se aceita – afirma Lacan – que a oposição entre o princípio do prazer e o princípio da realidade é mais da ordem da própria experiência ética, do que da ordem da psicologia.

Os desvios de certas psicanálises servem para fazer desses tropeços bóias para guiar nosso percurso.

O mérito de Lacan neste Seminário VII é reivindicar a implicação clínica ao abordar o que Freud trabalhou no *Projeto para uma psicologia científica*; trata-se de A Coisa, *das Ding*, ponto de partida, lógica e cronologicamente, da organização do mundo na psique. *Das*

¹ cf. Jacques Lacan. *La ética del psicoanálisis: Seminario VII (1959-1960)* Buenos Aires: Paidós, 1988. Clase Nro. 1 (18 de noviembre 1959) págs. 9-25.

Ding, unidade velada, incestuosa que marca a proibição necessária do incesto, irrepresentável, êxtima, ausente.

E se, como define Lacan, como aquilo que o significante padece do real, a práxis do analista, indissociável de sua ética, indicará que o sintoma, sendo feito da matéria significante, mente, mas, paradoxalmente, revela a verdade de um gozo.

Na obra de Freud há várias referências ao tema da verdade. Em seu texto *O chiste e sua relação com o inconsciente*, ele fala sobre o chiste cético:

“Dois judeus se encontram num vagão de trem, numa estação da Galícia. `Para onde você vai?`, pergunta um deles. `Para Cracóvia`, responde o outro. `Veja só que mentiroso você é!`, protesta o outro. `Ao dizer que vai para Cracóvia, você quer que eu acredite que vai para Lemberg. Mas eu sei que você vai realmente para Cracóvia. ¿Por que então a mentira?`.²

Ou seja, o campo do gozo –que é real– só pode ser abordado pela intermediação mentirosa do significante.

Na direção da cura, o analista – levado pelo discurso do analisando – ocupa o lugar do semblante: é no Seminário XVIII, *De um discurso que não fosse semblante*, que Lacan utiliza um neologismo: “*s'emblem*” (que significa “precipitar”) e “*s'emblant*” (semblante), em outras palavras, a localização do analista como “semblante” implica uma função precipitadora de uma verdade; pode-se dizer que tanto o “semblante” quanto a “presença do analista” são funções do chamado “desejo do analista”

O sintoma representa o retorno da verdade na falta de um saber, assim como em sua variedade (como se refere Lacan no Seminário XXIV, *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile á mourre*) é a forma como o inconsciente – estruturado como uma linguagem – pode emergir em sua dimensão de verdade: lapsos, sonhos, falhos, tropeços, fissuras, etc.

² Sigmund Freud. *O chiste e sua relação com o inconsciente*. Em: *Obras completas de Sigmund Freud*. São Paulo, Companhia das letras, 2017. Volume VIII. pág. 165.

A verdade é um lugar discursivo no decorrer de uma análise, o analisando se depara com ela, posicionando-se como responsável por seu gozo: quando o analista lê, ao mesmo tempo ele escreve e, nesse ato analítico, consegue unir verdade e saber.

No citado Seminário XXIV, Lacan afirma que o único saber é o da *lalangue*, ou seja, a própria língua em movimento, é a subjetivação da língua particular, é uma língua viva.³

Esclareçamos o seguinte: a validade de uma ética na psicanálise hoje, ao trabalhar com a noção de *lalangue*, não significa, de forma alguma, fazer expirar as manifestações do inconsciente, ao contrário, o inconsciente é um saber-fazer com *lalangue*, e, se o objetivo da psicanálise –dentro do mal-estar cultural atual– continua sendo fazer emergir o sujeito do inconsciente, a ruptura do semblante é um campo propício para erodir os significantes, desarticulando os sentidos coagulados do analisando para que ele encontre seu dizer singular, seu S1, reescrevendo sua história em transferência.

O analista, em sua douda ignorância, não irá além da associação de seu paciente, o próprio da operação analítica é conseguir a abertura da corda simbólica ao infinito, com seu ato ele faz uma junção entre o sintoma e o real parasitário de gozo do analisando. Lacan se pergunta: a verdade acorda ou dorme? Ele responde: Depende do tom com que é dita.

Lacan faz uma proposta: "A única coisa de que se pode ser culpado -na perspectiva analítica- é ter cedido ao seu desejo", fazer coisas para o bem do outro não nos protege da neurose.

Não há outro bem senão aquele que pode ser usado para pagar o preço do acesso ao desejo, que se define como a metonímia do nosso ser.

Em todo caso, afirma Lacan, sublimar tudo o que quiserem, tem de pagar com alguma coisa, essa coisa chama-se "gozo", paga-se essa operação com uma libra de carne...

Termino com as palavras de Lacan: "(...)Creio que ao longo desse período histórico, o desejo do homem, longamente apalpado, anestesiado, adormecido pelos moralistas,

³ cf. Jacques Lacan. *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile á mourre: Seminario XXIV (1976-1977)*. – Inédito– Traducción de Ricardo Rodríguez Ponte y Susana Sherar para circulación interna de la *Escuela Freudiana de Buenos Aires*. Clase Nro. 11 (19 de abril de 1977)

domesticados por educadores, traído pelas academias, muito simplesmente refugiou-se, recalcou-se na paixão mais sutil, e também a mais cega, como nos mostra a história de Édipo, a paixão do saber. ”⁴

⁴ Jacques Lacan. *O Seminário, livro 7: A ética da psicanálise: (1959-1960)* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor 1988. Aula XXIV (6 de julho de 1960) pág. 370-387.